

De uma ilha para outra: A construção de redes de afetos por migrantes cubanas em Florianópolis

1. Introdução

23 de abril de 2025 - Quarta Feira - Florianópolis

Polícia federal - Floripa shopping - acompanhamos os agendamentos para renovação de documentos/primeira via e coleta de biometria.

A Polícia Federal no momento se encontra localizada no Floripa Shopping, em direção ao norte da ilha. Paramos na primeira entrada do shopping, subimos as escadas, a porta automática abriu, entramos e ao lado direito está a Polícia Federal com seu painel todo preto, contendo o emblema da Polícia e algumas informações em português, espanhol e inglês. É curioso pensar que escolheram um espaço que fica entre uma loja que vende coisas do Flamengo - time de futebol e a Havan. Ali não temos bancos ou sala de espera, somente um guichê que tem uma única moça atendendo e entregando uma espécie de bolacha que normalmente recebemos quando pedimos um lanche e ela vibra para avisar que está pronto, sabe? Isso é entregue aos migrantes que serão atendidos no dia. Nesse guichê tem três separações, a fila para aqueles que possuem horário agendado, aqueles que querem alguma informação e a terceira não me recordo. Quando chegamos era por volta das 13h30, não havia nenhuma pessoa da Polícia Federal tanto para nos receber quanto para organizar a quantidade de pessoas que já se acumulavam ali em frente. Sem contar que mais a frente ao lado esquerdo de quem entra no shopping tem outra parte da Polícia Federal, esse é reservado para atualização e fazer passaporte. É uma confusão. Ainda mais que ficamos na passagem de quem entra no Shopping. Nem mesmo o pessoal da Polícia sabia que estaríamos ali. Então aguardamos. Depois disso um dos agentes veio conversar com a gente, altura mediana, branco, cabelos loiros esbranquiçados. Se apresentou, falou para ficarmos à vontade e também nos permitiu que entrássemos com alguns dos migrantes atendidos no nosso escritório para ver como acontecem os atendimentos.

Seguimos, passamos algumas horas ali em pé com o pessoal que também estava na mesma situação. E íamos confirmando as pessoas que havíamos atendido e que tinham horário agendado, apesar que o horário não era necessariamente seguido, essa era nossa

principal função ali. Ao lado esquerdo do guichê temos uma porta, é nessa porta que as pessoas entram para terem suas digitais coletadas e assinarem o que virá ser seu RNM¹ (conhecido como RG do migrante), esta porta branca é trancada, sendo liberada pela parte de dentro. Fiquei aguardando até que chegou o meu momento de entrar com a senhora que estava lá com o seu marido (ambos para renovação do documento) ela estava um pouco nervosa, disse que não escutava muito bem e que não queria escutar as coisas erradas. Penso comigo como não ficar agitada e nervosa nessa situação. Pensando que você está num ambiente totalmente hostil a sua presença, esse foi o sentimento que tive, ninguém é atencioso ou sorri, as respostas são rápidas e faladas em português e você não sabe se vai ocorrer tudo bem até chamarem seu número, para depois você estar em uma sala para coletarem suas digitais e assinatura.

Entramos, ali naquela sala mediana de paredes brancas, computadores, cadeiras e bancos pretos, logo atrás da porta temos uma estagiária sentada - ela que nos atendeu quando chegamos - seguimos para o lado direito. São três mesas, com computadores e câmeras fotográficas, um pequeno banco e atrás dele um painel também branco. Porque na hora tiram a foto, coletam as digitais, conferem os dados que estão no RNM e assinam. - muito parecido com o nosso processo de fazer nosso RG. Atrás das mesas tem uma divisória transparente e dentro daquela sala havia duas fileiras de computadores, pelo que observei ficam os agentes que cuidam de outra parte do processo com relação ao pedido de documentação - vale ressaltar que fazemos uma parte que a pessoa que chega no país pode também fazer sozinha e enviar para a Polícia Federal - Como estava acompanhando a senhora, ajudei ela traduzindo as informações para o espanhol, no fim finalizou o atendimento, saímos da sala.

E ali, em meio a tantas conversas, a maioria em espanhol, conheci Ana². Ela é alta, cabelos longos na cor preta, é da Venezuela, já é conhecida do nosso escritório, estava para fazer sua renovação. Comentou que havia perdido um financiamento para um projeto cultural porque sua documentação não tinha sido renovada ainda. Me apresentei, conversamos sobre vários assuntos, até que comentei que era Antropóloga e no momento estava fazendo o mestrado e havia decidido pesquisar sobre migração. Foi então que ela disse

¹ Registro nacional migratório.

² Ana (nome fictício) é produtora cultural - organiza alguns eventos aqui na cidade de Florianópolis e também é uma das organizadoras da Feira do migrante, que acontece na Beira-mar norte de Florianópolis, que pelo que entendi acontece todos os sábados.

“depois que a gente entra nessa vida (trabalhar com migração) não sai mais”. Comentei que não sabia muito bem sobre o que poderia ser meu recorte de pesquisa e foi quando ela também disse

“Mas por favor, não estuda sobre o que todo mundo estuda!”

Perguntei “o que todo mundo estuda?”

Me respondeu “sobre a falta, sobre as mazelas da migração. Todo mundo pesquisa isso!”

Então perguntei o que ela gostaria de ver quando se pesquisa pensando migração e me disse

“Pesquisa sobre a potência, pesquisa como construímos redes nesse novo lugar, como trazemos nossa cultura. Como fazer isso nos insere nesse espaço. Por exemplo, olha o centro leste³, se tornou outra coisa. Fale sobre as potências da migração, o que levamos com a gente quando migramos.” -

Por fim, ela me passou seu contato e disse que estaria disponível para qualquer que fosse a pesquisa que escolhesse realizar. Nos abraçamos e ela foi embora.⁴

Há um ano comecei a trabalhar no Escritório Scalabrini de Atenção ao Migrante (ESAM) vinculado a Pastoral do Migrante e com a Associação Scalabrini⁵ - atualmente sou agente de integração⁶, nosso escritório fica na Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus localizado na Prainha, Centro de Florianópolis, aos pés do morro do Mocotó. Nesse momento o universo sobre migração foi apresentado para mim⁷. Assim fui adentrando no campo das migrações, sendo encantada e totalmente absorvida nas inúmeras relações, redes e complexidades que perpassam os corpos que migram. E muitas perguntas começaram a se formar na minha cabeça.

Durante o caminho de estranhar o que já me era familiar no escritório, sem ainda adentrar em teorias sobre migração, me recordei que também já fui migrante por seis meses.

³Nome popular dado ao local mais antigo do centro histórico de Florianópolis.

⁴Relato etnográfico realizado numa saída de campo para um trabalho acadêmico no primeiro semestre para a matéria Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia (2025).

⁵Associação sem fins lucrativos (OSC) que surge a partir da Missão Scalabrini em Florianópolis, a missão chegou ao Brasil em 1888, inicialmente em São Paulo e estendeu-se para o Rio Grande do Sul pouco tempo depois. Por volta de 1997, diante do aumento de migrantes latino-americanos na Arquidiocese de Florianópolis, foi solicitado uma Paróquia para o atendimento desses migrantes na ilha e municípios vizinhos. A Missão então ficou localizada na recém-criada Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus com Pe. Guerino Piccini, como Pároco.

⁶ Mas entrei como agente de empregabilidade. A questão da nomenclatura “agente” parte das instituições que nos financiam a partir dos projetos, normalmente essa nomenclatura vem do sistema ONU.

⁷ Até aquele momento meu projeto era voltado para as materialidades e suas relações num terreiro de Umbanda em São José.

Em 2022 passei em um intercâmbio, em dois meses arrumei meus documentos, preparei meu portunhol, uma mala e fui viver na Argentina, mais precisamente em La Plata - uma província de Buenos Aires, em direção ao sul do país. Ela não é tão grande quanto Buenos Aires, mas com certeza é maior que a ilha em que nasci. Lá passei por todos os processos que vejo hoje no escritório, com alguma diferença, já que estava um pouco mais amparada, pois tinha a universidade como suporte (mesmo que no primeiro mês tenha ficado sem bolsa porque não se manda na demanda e na demora do Estado). Só que todos os trâmites fiz sozinha. Os inúmeros lugares que tive que ir, as taxas que tive que pagar, tudo para ser “cidadã” argentina para poder abrir uma conta e receber dinheiro no território. Os acordos governamentais foram essenciais para facilitar eu conseguir meu DNI⁸ tão rapidamente⁹ e concluí como é difícil estar sozinha e sem ter uma rede de apoio - voltaremos nesse ponto mais para frente.

Aprendemos com Peirano (2014) que as coisas são atravessadas, portanto, podemos pensar que a experiência que tive anos atrás, me levou ao trabalho que faço agora, e que esse me levaria ao meu objeto de pesquisa. Um cesto cheio de conhecimento (Costa, 2021) no qual foi sendo preenchido a partir de inúmeros contatos, experiências e vivências que encontrei no caminho.

O relato de campo que abre este projeto é importante porque foi a partir dele que entendi em partes o que gostaria de estudar e entender na migração, como também refletir o que mais uma pesquisa sobre migração poderia contribuir para este campo. É nesse momento que o projeto começa a ganhar corpo. Parto do contexto que o campo acontece nas andanças, mesmo que de início elas sejam até certo ponto aleatórias (Soraya Fleischer, 2023), ele pode estar no nosso próprio cotidiano, a nossa pergunta pode estar numa visita até a Polícia Federal, por exemplo. Entendendo que tudo que nos é apresentado é dado, então também devemos lembrar que é tudo aquilo que nos afeta os sentidos (Mariza Peirano, 2014). Assim, foi nesse processo de observar com estranhamento o meu cotidiano e se deixar afetar no ir e vir do meu atual trabalho que pude chegar neste projeto. Então trazer esse relato de campo logo no início também me ajuda a construir a história que me alcançou através do trabalho e também como acabei chegando na migração cubana para Santa Catarina.

Porém, antes de entender como a migração de cubanos para Florianópolis chega até mim e se torna meu objeto de pesquisa, e como encontramos a migração internacional na

⁸ Documento Nacional de Identidade

⁹ O Mercosul me dava uma identidade permanente de 10 anos.

região é necessário que contextualizamos o fator migração no Brasil brevemente, principalmente com relação aos fluxos migratórios, algumas leis e sobre o direito de migrar.

Conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)¹⁰, que neste ano completará 77 anos de existência, instituída pelos Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948, pensada como resultado das atrocidades ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial, traz em alguns dos seus artigos que toda a pessoa tem o direito de deixar qualquer país (inclusive o seu) assim como regressar (Art. 13º, 2), como também por motivos de perseguição tem o direito de solicitar asilo em outros países (Art. 14º, 1). Conforme as autoras Rosita Milesi¹¹ e Paula Coury¹² escrevem na apresentação nos Cadernos de Debates publicado em dezembro de 2018,

“No que tange aos fluxos migratórios, forçados ou espontâneos, a adoção de uma perspectiva de Direitos Humanos é essencial para compreender as causas da mobilidade, as trajetórias percorridas e as condições encontradas por pessoas migrantes e refugiadas nos países de trânsito e de destino. A DUDH reconhece o direito de emigrar e também de solicitar asilo. Ademais, mesmo que não haja previsão explícita do “direito de imigrar”, o caráter universal e não discriminatório dos direitos e liberdades elencados pela Declaração implica em sua aplicabilidade a todo ser humano, sem distinção de qualquer natureza. Isso deve incluir, portanto, pessoas refugiadas e migrantes, independentemente de sua condição migratória. (p. 10)

Portanto, o Brasil, sendo um dos países signatários da DUDH - participante desde a sua adoção, adota o critério de que todo o ser humano, sem distinção de qualquer natureza, tem o direito de migrar. Apesar disso somente em 2017 que foi promulgada a Lei de Migração (Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017) anteriormente ainda tínhamos em vigor - não em sua completude - o Estatuto do Estrangeiro de 1980 (Lei nº 6.815/80) criado ainda na ditadura militar com viés totalmente voltado a segurança nacional do Estado e o Estatuto dos Refugiados de 1997 (Lei Nº 9.474, de 22 de Julho de 1997).

Em resumo teve uma mudança significativa, entre a Lei de Migração e o Estatuto do Estrangeiro, pois a partir de 2017 o Brasil abandona a visão do imigrante como uma ameaça, reconhecendo a universalidade, individualidade e interdependência dos direitos humanos (Rodrigues e Fernandes e Silva, 2018, p. 23).

¹⁰ [Declaração Universal dos Direitos Humanos](#). Acesso em 08 de novembro de 2025)

¹¹ Diretora do Instituto Mirações e Direitos Humanos (IMDH), Irmã Sacalabriniana, advogada, observadora no Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e consultora no Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), atualmente também ganhadora do Prêmio Nansen.

¹² Assistente de Integração no IMDH e mestre em Segurança Internacional e Direitos Humanos.

1.1 Florianópolis - Santa Catarina

A partir desse contexto geral nos voltamos para o estado de Santa Catarina, mais precisamente Florianópolis e municípios vizinhos, local onde essa pesquisa será realizada. Conforme os dados do Censo realizado até 2022 divulgados pelo IBGE em 17 de junho de 2025, Santa Catarina nesse período recebeu 503.580 pessoas de outras unidades do Estado Brasileiro, representando um “aumento de 4,66% da população total, a maior taxa de crescimento por migração no Brasil no período.” já com relação à população migrante¹³ “o número subiu de 17,6 mil para 83,4 mil no mesmo período, tendo como predominância os haitianos e venezuelanos. Já os naturalizados brasileiros quase dobraram no período (de 5,9 mil para 10,9 mil) tendo Chapecó com o maior número (11.189), seguido de Florianópolis (10.517) e Joinville (7.854).¹⁴ Esses dados ajudam a entender o estado como esse local para migrar, conectar e se estabelecer.

Entretanto, esse imaginário não surge do nada o histórico do estado de Santa Catarina o precede, segundo o Atlas das Migrações (2025) o estado carrega consigo um histórico positivo da diversidade dos fluxos migratórios históricos, que se destaca pelos migrantes oriundos da Europa, principalmente a partir do século XIX. Migrações essas que cultivaram e estabeleceram muito do que o próprio estado carrega com orgulho. Entretanto, esse fluxo muda no início do século XXI, chegavam “novos imigrantes - haitianos, ganeses, senegaleses, sírios e, mais recentemente, venezuelanos -, imigrantes, em sua maioria, negros ou racializados como não brancos” (p. 10). Essa mudança faria com que tivéssemos uma alteração na “construção das narrativas sobre o estado e sua população” (ibdem). Mediante a todos esses dados é possível observar a maior presença de uma migração latino-americana.

Quando colocamos uma lupa na migração cubana para o Brasil na última década segundo a pesquisa de Erika Andrea Bütikofer (2025) no Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros (Sincre) e do Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra) “entre 2013 e 2024, foram registrados 46.592 cubanos no Brasil. Os maiores afluxos ocorreram em 2013 (5.467), 2014 (6.560), 2017 (5.346) e, sobretudo, no período pós-pandemia, com números significativamente mais altos em 2022 (7.130) e 2023 (7.717).” (p. 12), destacando que a questão de gênero seria equilibrada. E segundo o levantamento

¹³ Aqui usaremos a terminologia Migrante já que é uma categoria “guarda-chuva” já que a palavra estrangeiro está sendo entendida como uma terminologia pejorativa.

¹⁴ [Por que SC se tornou o principal destino de migrantes no país? Entenda | Santa Catarina | G1](#), Acesso em 19 de julho de 2025

realizado também no Sismigra pelo Observatório das Migrações SC¹⁵ no Atlas das migrações (2025) entre os anos 2000 até 2022 oriundos de Cuba havia 1417 migrantes residindo no estado. Mas, do período de 19 janeiro de 2025 até o dia 19 de setembro de 2025, foram atendidas, somente no escritório em que trabalho, 546 pessoas solicitantes de refúgio/refugiadas de nacionalidade cubana, sendo uma população predominante feminina. Numericamente é possível afirmar um aumento e uma mudança de nacionalidade do fluxo migratório para Santa Catarina, mais precisamente Florianópolis e municípios vizinhos.

Assim chego até os cubanos, entretanto existe mais um caminho até que esse projeto se volte para pensar as trajetórias das mulheres cubanas para a região e minha curiosidade em entender por onde e como estão criando suas redes de afeto. Para compreender ainda melhor esses caminhos é necessário contextualizar, a meu ver, o Escritório Scalabrini de Atenção ao Migrante, local que me conectou às histórias de todas as minhas futuras interlocutoras.

2. Problema da pesquisa

2.1. O campo como ponto de partida: primeiros encontros no ESAM

15 de maio de 2025 - quinta-feira - Florianópolis

Atendimento - Escritório Scalabrini de atenção ao migrante (ESAM)

Neste dia estava na parte da frente acompanhando por acaso um dos atendimentos que minha colega estava realizando e ao longo do atendimento entre várias conversas sobre documentação este senhor, que estava tendo que voltar recorrentemente devido à dificuldade em conseguir sua documentação, começou a conversar com a gente com relação ao fato de morar em Florianópolis e se sentir sozinho. Ele aparentava ter seus 40 anos, perguntei se havia conseguido criar relações aqui que considerava sua rede de apoio e ele me disse “as relações em Cuba são diferentes daqui, lá as relações são mais humanitárias. Aqui em Florianópolis quase não tem cubanos, eles estão mais no continente.” Dai continuou dizendo que tinha dois amigos e que eles eram de outra nacionalidade, e apesar disso continuava se sentindo sozinho na cidade.

¹⁵ É um grupo de estudos que tem como iniciativa coletiva organizar, sistematizar e dar visibilidade e cometimento públicos a estudos temáticos sobre migrações internas e internacionais em Santa Catarina - [Observatório das Migrações](#), Acesso em 22 de novembro de 2025

Meus primeiros passos de pesquisa se deram no Escritório Scalabrini de Atenção ao Migrante (ESAM), dentro da Paróquia Santa Teresinha. Ali, observando atendimentos, conversas informais e pequenas interações, comecei a compreender como diferentes experiências migratórias se manifestam em Florianópolis. Esse atendimento mencionado anteriormente a um homem cubano, em maio de 2025, foi decisivo. Ele mencionou a solidão, a falta de redes e a dificuldade de recomeçar na cidade. Essas primeiras conversas despertaram uma questão que voltaria muitas vezes: **onde estão os cubanos em Florianópolis e como constroem suas redes de apoio?**

Como já mencionado brevemente na introdução desse projeto, o escritório Scalabrini de Atenção ao Migrante (ESAM) fica localizado dentro da Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus, que de certa forma é uma igreja imponente: quando olhamos para cima é possível ver a imagem da santa em uma espécie de mosaico, e mais ao alto está o sino que toca nas horas principais — 06h, 12h, 18h — todos os dias. Nós que trabalhamos na Pastoral do Migrante e também quem recebe atendimento, até uns meses atrás entrávamos todos os dias pelo estacionamento reservado para o pessoal da Assembleia Legislativa de Santa Catarina (Alesc). Seguíamos até o final do estacionamento, subíamos uma pequena rampa, virávamos à esquerda e depois subíamos um degrau em direção à direita. Logo depois do bebedouro há uma porta dupla de vidro envelopado que informa “Pastoral do Migrante”. Antes de adentrarmos no escritório da pastoral, quando viramos à direita, é possível ver uma casa de dois andares. No térreo, temos três portas: a da Ação Social Arquidiocesana (ASA) — onde ficam roupas do brechó e as cestas básicas — seguida pelo escritório dos padres e pela secretaria da igreja. À direita temos ainda a cantina e, entre a secretaria e a cantina, a escada para o segundo andar, onde ficam a casa paroquial e o salão de festas.

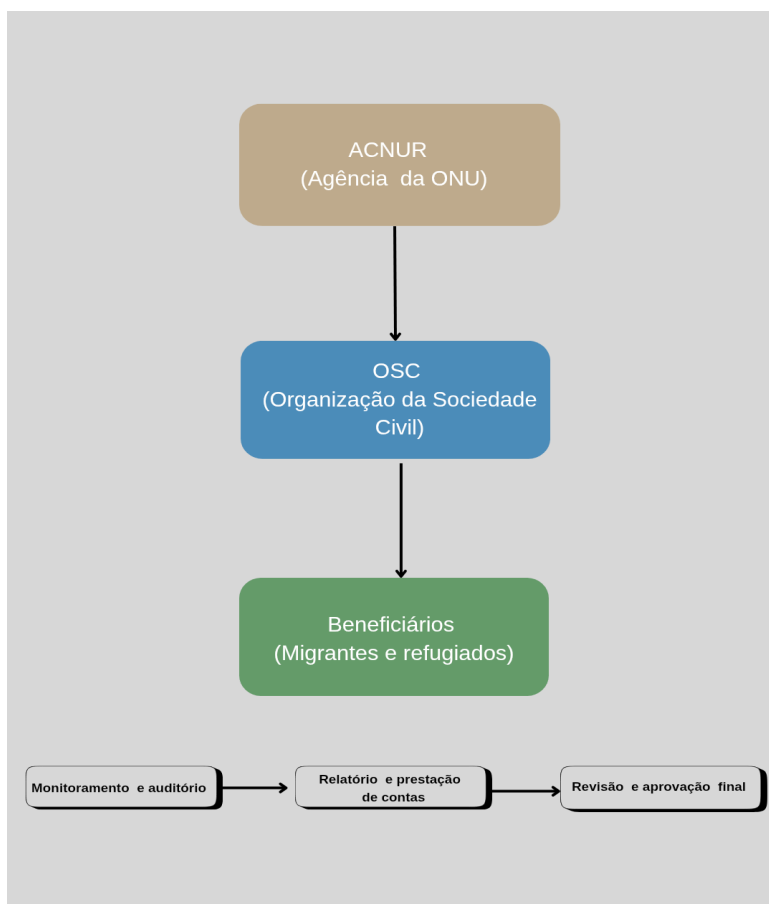
Nosso escritório/sala de atendimento até aquele momento era compartilhado com outras atividades que aconteciam na paróquia, por exemplo, nas terças e sextas de noite tem encontro do Alcoólicos Anônimos (AA) e aos sábados é sala da catequese. Então era um lugar sempre transitório com relação aos objetos, montávamos e desmontávamos esse espaço. Ao adentrar no recinto do lado direito tínhamos uma mesa com panfletos organizado pela gente, uma pequena estante de madeira com livros para estudar ou colorir, ao lado esquerdo fica um armário branco (do pessoal do AA) e em frente temos cinco fileiras de cadeiras na cor verde-escuro e madeira (pesadas e antigas). À frente, cinco fileiras de cadeiras verde-escuras e de madeira — pesadas e antigas — conduziam até uma grande mesa oval, também de madeira, onde se realizavam os atendimentos de proteção (documentação). Eu passava sempre

desviando da mesa e da impressora, que ficava à esquerda, até chegar à salinha ao final do espaço, onde normalmente ficávamos meus colegas e eu: uma sala pequena com grandes armários claros dos dois lados.

Foi nesse espaço que permaneci durante quase um ano de trabalho, mas atualmente nos mudamos, ainda permanecemos na paróquia, entretanto reformaram a antiga casa paroquial e fomos realocados para lá. Agora uma parte da antiga casa é para a catequese e a outra tornou-se nosso novo espaço de trabalho. Nossa equipe também cresceu: somos 14 pessoas entre coordenadores de setor e estagiários. O novo espaço é bem maior, e muitas dinâmicas mudaram. Agora fico na frente, junto ao pessoal de proteção, e essa mudança de ambiente fez com que meu olhar também se deslocasse: pude acompanhar mais de perto o aumento de famílias cubanas chegando para solicitar refúgio.

Outro ponto importante para destacar é com relação como funciona uma pastoral, normalmente as pastorais dos migrantes abrem segundo a necessidade e a demanda, assim esse escritório tem pouco tempo no território como o conheci já tendo sido fechado e reaberto algumas vezes. Assim como a Missão Scalabrini que está localizada em várias partes do globo também está onde se tem demanda para atuar. Atualmente estamos completando quase três anos de funcionamento no modo que estamos no momento. Mas como se mantém um escritório que realiza esse tipo de atendimento gratuito? Por projetos, temos que ser financiados para além da matriz. Desde o início deste ano o escritório passou a ser financiado pela Agência da ONU para Refugiados - ACNUR Brasil. Para entender como funciona esse repasse de recursos fiz um organograma simples para visualização.

Figura 1 - Organograma de repasses ACNUR para OSC



Fonte: elaborado pela autora

É importante destacar essa informação porque toda a maneira do nosso atendimento mudou a partir desse contexto, agora para além de prestar contas para a matriz também temos que prestar contas e números para a agência que realiza o financiamento. A partir desse financiamento nosso atendimento passa a se voltar para os migrantes em situação similar ou refugiados, também vieram as nomenclaturas: agente de proteção, agente de integração e agente de empregabilidade. Irei me deter ao meu cargo dentro de todo esse sistema, sou agente de integração, o que significa que sou responsável pelas questões voltadas à “integração social” dessa pessoa por meio de aparatos educacionais como cursos de português como língua de acolhimento, cursos profissionalizantes e assim por diante. Tirando o curso de português, todos os outros são voltados especificamente para mulheres migrantes e refugiadas.

Foi também por conta desse financiamento que, logo no início do ano, fui apresentada ao projeto **Empoderando Refugiadas**, um programa que completou 10 anos e cujo objetivo é capacitar, empoderar e empregar mulheres migrantes e refugiadas em situação de

vulnerabilidade. Entre seus parceiros estão o Instituto Renner, ONU Mulheres, Pacto Global e ACCOR. Iniciamos os planejamentos em julho, buscando parceiros que pudessem implementar o projeto e os cursos possíveis em um mês. Assim articulei uma parceria com a Faculdade SENAC da Prainha, próxima ao escritório, onde ocorreram todas as aulas.

2.2. As mulheres cubanas nos cursos: redes, narrativas e afetos

20 de outubro de 2025 - Faculdade SENAC - Florianópolis

Hoje acompanhei a turma do empoderando refugiadas tanto na parte da manhã quanto na parte da tarde. Nesse dia tinha que realizar alguma atividade por parte do escritório, como agente de integração organizei rodas de conversas sobre dois temas, além disso, como é um projeto é necessário realizar algumas etapas de coleta de dados, então também estava lá para fazer algumas perguntas de cunho pessoal sobre renda e trabalho.

Na parte da manhã foi sobre o combate contra a violência, contra adolescentes e crianças e na parte da tarde sobre acesso aos direitos. Todas participaram trazendo vários exemplos, ambas as turmas eram compostas por haitianas, venezuelanas, cubanas e uma iraniana. Na turma da manhã tem mais alunas que já estão aqui há algum tempo com relação à turma da tarde, que pelo acaso também tem menos alunas.

Nessa ocasião, me aproximei de Diana¹⁶ cubana, está aqui no Brasil desde 2022, com seu filho e seu esposo. Ela tem nível superior em educação com mestrado em psicologia empresarial. Tinha muitas coisas para dizer, ela canta, participa de grupos e logo se tornou uma liderança perante a turma.

Na parte da tarde encontrei outras cubanas que estão no curso. Durante as perguntas que fazia sobre suas famílias, muitas se emocionaram. Daí temos Olga, conheci ela na última missa de outubro, católica, me mostrou as igrejas, falou sobre Cuba com maior amor e gostou de mim. Hoje não foi diferente, ao me sentar ao lado dela falou sobre sua travessia, disse que seu marido voltou com a sua sogra porque ela não se adaptou. Estava preocupada como seu marido vai voltar, ou não. Agora se encontrava sozinha com sua filha. E durante nossa conversa me contou sobre a travessia e como é complicada, arriscada, é tudo planejado. Saem de Cuba, chegam em Guiana e esperam a van encher para daí continuar a viagem até entrar por Roraima e assim ter um táxi até boa vista. Esperam até a primeira

¹⁶ Todos os nomes apresentados ao longo do projeto foram inventados

documentação ficar pronta - protocolo de refúgio- nesse período permanecem numa casa, depois vão até São Paulo e depois Florianópolis. Andam muito até chegar no destino.

Também conversei com Miriam, ela me contou brevemente sobre ela, seu marido e filho. Com lágrimas nos olhos, se emocionou ao falar do seu filho que tem um problema no braço, me disse que a vinda deles para cá partiu dele já que não tinha muitas oportunidades em Cuba.

Conversei também com Maria que está aqui sozinha, não é casada e nem tem filhos. Com ensino superior veio para Florianópolis porque lá está muito ruim, disse que só tem 2 horas de luz por dia e que no momento não tem comida para todos ou outras coisas básicas.

Aproveitei esse momento para estabelecer uma conexão, falei sobre minha pesquisa e ficaram muito animadas, disseram que participarão com toda certeza.

A participação no projeto *Empoderando Refugiadas* foi decisiva na construção do meu objeto de pesquisa, porque me obrigou a olhar para além das migrações familiares que eu vinha acompanhando nos atendimentos do escritório. Ao longo das quatro semanas do curso, pude observar de perto como 28 mulheres – entre elas nove cubanas – criavam laços, redes e pequenos gestos de convivência que revelavam formas de cuidado e sustentação mútua. A convivência cotidiana, as partilhas improvisadas entre as atividades, os relatos sobre as rotinas e os percursos até Florianópolis acabaram também produzindo entre nós um laço de confiança. Foi nesse processo, ao escutar suas histórias e observar as inúmeras dificuldades, complexidades, mas sobretudo a coragem e a potência que marcaram suas presenças aqui, que me dei conta de que gostaria de trabalhar especificamente com mulheres cubanas, estivessem sozinhas ou acompanhadas.

Essa inquietação que nasce do campo se intensifica quando observamos o cenário migratório do Sul do Brasil – e particularmente de Santa Catarina. Embora o estado tenha recebido diferentes fluxos internacionais e conta hoje com algumas estruturas de acolhimento articuladas, como a Pastoral dos Migrantes, ainda há pouca produção que descreve as experiências de vida, redes e circulação de migrantes cubanos na região. Em Florianópolis, apesar de pesquisas que abordam trajetórias urbanas de migrantes ou cartografam áreas públicas de acolhimento, não há trabalhos que se dedicam sistematicamente à presença cubana ou às dinâmicas que elas produzem na cidade. Essa lacuna empírica local reforça a pertinência de uma investigação situada que tome as experiências dessas mulheres como ponto de partida.

Além disso, destacaria também que no campo antropológico brasileiro mais amplo, os estudos sobre a migração cubana têm se concentrado sobretudo nas regiões Norte, Sudeste e

fronteiras amazônicas, destacando experiências de mobilidade, crise e vulnerabilidade (Bütikofer, 2025; Fresneda, 2025). Pesquisas em programas de pós-graduação como UNIOESTE, UFAM e USP mostram a diversidade de percursos e tensões identitárias desses migrantes, mas revelam também a fragmentação temática e a incipiente produção de etnografias. Quando deslocamos o olhar para o Sul do Brasil — e particularmente para Santa Catarina e Florianópolis — essa lacuna se torna ainda mais evidente. Embora existam trabalhos que abordam a migração internacional no estado, como as cartografias de arenas públicas de acolhimento (Espírito Santo & Andion, 2020), ou etnografias sobre trajetórias urbanas de migrantes na capital (Canella, 2022), nenhum deles dedica atenção sistemática aos cubanos.

Essa combinação entre um crescente fluxo migratório no estado, a existência de estruturas locais de acolhimento e a ausência de estudos específicos sobre cubanos configura uma lacuna relevante para a Antropologia. Do ponto de vista teórico, investigar a presença cubana em Florianópolis permite articular debates sobre fronteiras (Tassinari, 2015), políticas de vida e manejo institucional do sofrimento (Fassin, 2015), produção de categorias migratórias (Drotbohm, 2021) e etnografias de mobilidade/margem (Agier, 2006; De León, 2015; Magalhães, 2024). Do ponto de vista empírico, trata-se de compreender como essas migrantes constroem redes, percebem o pertencimento, lidam com burocracias e inserem-se em um contexto marcado por identidades regionais fortes — como a açoriana — e por desigualdades urbanas específicas da capital catarinense. Assim, o projeto busca preencher um vazio analítico ainda não explorado pela literatura, contribuindo para o fortalecimento do campo antropológico sobre migrações no Sul do Brasil e para a compreensão das dinâmicas que configuram o encontro entre migrantes cubanos e a cidade de Florianópolis.

Esses são dados mais que suficientes para entender a relevância e importância de uma pesquisa no campo antropológico que pense como estão ocorrendo essas relações, como também a circulação dessas pessoas nas regiões da cidade. Como me mostrou Ana, talvez agora devemos pensar como as cubanas estão construindo suas redes nesse novo lugar. Pretendo, portanto, a partir da Pastoral dos Migrantes pesquisar e entender as potências que esse novo fluxo migratório tem no território de Florianópolis, compreendendo que os deslocamentos humanos são o resultado de um conjunto de fatores, de aspectos, de complexidade e não se realizam de forma aleatória ou unicausal (Atlas das migrações, 2025, p.10). Durante o processo da pesquisa de campo buscarei compreender e acompanhar como

está acontecendo essa migração, os motivos de porque elas escolhem Florianópolis e a partir disso observar como se formam as redes de apoio e/ou de afeto.

3. Referencial teórico

Existem poucos estudos sobre a vinda dos cubanos para o Brasil e principalmente para a região de Florianópolis como mencionado anteriormente. No artigo *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional* (2007) de Glaucia de Oliveira Assis a autora vai nos trazer um contexto que gostaria de trabalhar nesta pesquisa que é o apagamento das mulheres no fluxo migratório. A partir do levantamento que a autora fez foi possível observar que os estudos mais clássicos sobre migração as mulheres foram relegadas ao papel da espera tanto pelo marido quanto pelos filhos, portanto suas experiências não foram consideradas suficientes para ter como objeto de análise. E a autora conclui que “as análises muitas vezes não só encobriam a participação das mulheres, como também não percebiam que a migração de longa distância ocorre articulada em uma complexa rede de relações sociais nas quais as mulheres têm uma importante participação.” (p. 767)

Partindo então dessa realidade e pensando nas minhas interlocutoras, acredito que seja interessante, por meio desse projeto, dar protagonismo para essas mulheres e entender porque migram, quais as dificuldades que enfrentam, etc. E por meio das leituras feitas até o momento pretendo também dialogar com alguns autores que me ajudaram a pensar a questão da diáspora, a construção desse indivíduo, esse corpo que migra, bem como as inúmeras circulações que acontecem ao migrarem tanto as coisas quanto as pessoas.

É a partir de Leda Maria Martins (2021) em seu livro *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela* no qual nos faz refletir com relação à ancestralidade e suas inúmeras potências como também suas performances, mas principalmente nos faz pensar no corpo. E por que pensar no corpo? Porque justamente pensar nesses corpos que migram podemos refletir com relação “à interdição e à pedagogia da ausência e da exclusão se interpõe uma outra corporeidade que argui, postula, propõe, expressa” (p. 107) que ao migrar com tudo que carrega em si está no limiar entre “o ser e a possibilidade de não ser” (p.110) nesse nosso lugar que ocupa. Portanto, esse corpo-tela que segundo a autora “é também um corpus cultural, em sua variada abrangência, aderência e múltiplos perfis, torna-se *locus* e ambiente privilegiado de inúmeras poéticas entrelaçadas no fazer estético” (p. 108).

E seguindo com o corpo podemos pensar o espaço que ele ocupa e também pensar nas redes de afeto que mobilizam esses corpos, Paul Gilroy (2012) no livro *Atlântico Negro* vai dizer que “o conceito de espaço é em si transformado quando ele é encarado em termos de um circuito comunicativo que capacitou as populações dispersas a conversar, interagir e mais recentemente até a sincronizar elementos de suas vidas culturais e sociais.” (p. 20-21). É talvez sobre essa transformação que este trabalho também está baseado.

Já com Anna Tsing (2015) em *O cogumelo no fim do mundo* é possível refletir a partir de dois pontos: o da circulação e o da liberdade. Ambos fazem parte da cadeia de procura, venda e troca do cogumelo Matsutake. E agora pensando no meu objeto de pesquisa, talvez seja possível refletir como a partir dessa circulação constante dos corpos que migram esbarra ou não numa certa ideia de liberdade.

Com esses conceitos é possível pensar “as ativações simbólicas” (Silva, 2013, p.19) que determinados grupos de uma mesma nacionalidade podem ou não podem construir num espaço. Acredito que posso estar em busca dessa possível “formação de uma comunidade translocal” (Idem) que também refaz e transforma o território em que se apresenta.

Além disso, a partir das análises de Ângela Facundo conseguirei refletir e tencionar a categoria refugiado, principalmente pensando que atualmente todos os cubanos que ingressam no Brasil são automaticamente direcionados a solicitar refúgio. Condição essa que dentro do contexto atual sabemos que muitos talvez não alcancem a definição do que é uma pessoa refugiada¹⁷, portando dando lugar a “criação” ou como a autora descreve uma anomalia que precisará em algum momento ser resolvida. Neste momento os cubanos se encontram num desses espaços difusos da solicitação de refúgio, “categorias essas que dificilmente conseguem controlar, articular ou expressar todas as realidades diversas que essas zonas difusas representam nas pessoas em contextos específicos” (1979, p. 44).

4. Objetivos

¹⁷De acordo com estatuto do refugiado (Lei N° 9474/97) Art. 1° Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que: I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.
<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9474&ano=1997&ato=5a9EzaU90MJpWT13a>
 Acesso em 22 de novembro de 2025.

Geral: Compreender como as migrantes cubanas residentes em Florianópolis e região constroem redes de afetos e pertencimento no território.

Específicos:

- a) Identificar e entender, a partir das minhas interlocutoras, práticas, técnicas e conhecimentos usados para a construção dessas redes;
- b) Entender as relações construídas dentro e fora desse território a partir dessas redes;
- c) Mapear as redes de afetos na cidade.

5. Metodologia

Para alcançar os objetivos traçados anteriormente, realizarei o trabalho de campo partindo da ideia da observação participante, sendo ela ativa e sensorial (Ingold, 2008, 2013, 2016), entendendo que ir em busca dos sentidos desse objeto, estarei não somente observando e registrando, mas também interpretando como essas redes compõe essa teia de significados (Geertz, 1978). É importante ressaltar, também, que o campo da antropologia da circulação continuará transversal durante o caminho que será percorrido nesta pesquisa de campo. Agora não mais seguindo a trajetória do objeto num mercado de troca (Gusmão, 2023), mas buscando entender e observar outros processos de sentidos, circulação, dinâmicas, pensando quais são as influências secretas (ou não) (Gonçalves, 2007) que essas redes constroem ou não dentro desse território.

Tendo em mente que o método etnográfico é esse “mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses Outros que queremos apreender e compreender” (Uriarte, 2012), nesse primeiro momento, será necessário situar-se com relação a esse campo, participando da sua sociabilidade e conhecendo seu ecossistema. Para depois seguir para a observação e por fim a descrição (Silva, 2009). E também pensando em Margery Wolff (1992) que nos lembra avidamente que essa primeira entrada em campo é uma montanha-russa cheia de dúvida de si, que devemos nesse trajeto lembrar que a instabilidade no trabalho de campo faz parte dele, ela nos diz que é algo essencial. Que ao montarmos as imagens que vivemos (em campo) é necessário nos lembrar constantemente que a vida é “instável, complexa e desordenada em todo lugar” - tradução minha - e ela completa que nesse caminho no qual acumulamos dados em inúmeros cadernos muitas vezes serão um conjunto de pensamentos desorganizados e que

por fim dependem “da nossa capacidade de juntar pistas, da sorte em seguir intuições, de alguns encontros casuais, de uma observação anotada que só fará sentido dias ou até anos depois.” - Tradução minha (p.128).

É a partir desse movimento que utilizarei do método história de vida (Crikshank, 1998; Goldman, 1985; Guber, 2005; Magalhães, 2024) para entender como os migrantes “comunicam os sentidos e valores que os fazem pensar e agir no mundo” (Alencar, 2009, p. 49) por meio dessas redes. Então, mediante a entrevistas, pensando ser a técnica mais apropriada para acessar o universo de significantes dos interlocutores em profundidade (Guber, 2005; Goldenberg, 2004). Para descobrir as perguntas e como irei inseri-las em campo estou pensando nas duas instâncias da entrevista antropológica: dinâmica geral da pesquisa na qual a entrevista vai se formulando a partir dos objetivos parciais de cada etapa e a dinâmica particular de cada encontro com seus altos e baixos, pensando nos momentos inesperados dessas entrevistas que são apresentados tanto no trabalho de campo quanto nas características pessoais de cada sujeito (Guber, 2005, p. 149). Essas entrevistas poderão ser gravadas ou não, dependendo do contexto apresentado.

Outra parte da metodologia a ser usada nesta pesquisa estará focada em iniciar um certo mapeamento. Assim, num segundo momento planejo analisar os significados dados a outros elementos materiais que podem compor essas redes de significados, utilizando como método a trajetória realizada por eles dentro desse contexto, pensando também com base na cultura material, as relações entre os praticantes e esses objetos no cotidiano (Tsing 2022, Miller 2013, Gonçalves, 2007).

Analisando o contexto em que esse trabalho será executado, migrantes, muitos em situação de vulnerabilidade habitando um território por muitas vezes hostil a sua presença. Toda essa dinâmica que se apresenta faz com que eu reflita com relação à questão dos dados que possivelmente serão levantados, histórias contadas e posteriormente publicados, cito Claudia Fonseca (2010) em seu texto “O anonimato e o texto antropológico” no qual nos traz uma reflexão pertinente,

“Depois de tudo, se o objetivo do antropólogo é justamente chegar na lógica implícita dos atos, falar dos “não-ditos” do local, adentrar de certa forma no “inconsciente” das práticas culturais, como podemos imaginar que os informantes prevêem todas consequências de seu consentimento informado?”

Parto então do compromisso ético com o bem-estar das mulheres que participarão da pesquisa. Por isso, opto inicialmente pelo uso do anonimato como estratégia de proteção e

cuidado, reconhecendo que a segurança é uma construção compartilhada. Essa escolha será continuamente negociada e reformulada junto às interlocutoras, em uma relação de diálogo e corresponsabilidade.

Por fim, busco nas miudezas dos sentidos realizar uma “descrição densa” (Geertz, 1978) para entender quais os funcionamentos simbólicos dessas redes de afeto com relação aos seus participantes. Essas metodologias me auxiliarão na tentativa de enxergar e entender os múltiplos sentidos e potências que o ato de migrar estabelece no território em que se permanece.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SILVEIRA, Lucas Matias da; MARTINELLO, André Souza; *et al.* Atlas Temático das Migrações internacionais em Santa Catarina no século XXI. 2025. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/entities/publication/d03525a0-c901-4c6f-b619-7f5d27837ce9>. Acesso em: 10 out. 2025.

ALENCAR, Alexandra. *Dançando novas africanidades: diálogos com praticantes do maracatu e da dança afro em Florianópolis: SC*. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ALENCAR, Alexandra. Cidadão invisível e o direito à cidade negada. In: RAPOSO, Paulo; RENCK, Allende; HEAD, Scott (org.). *Cidades rebeldes: invisibilidades, silenciamentos, resistências e potências*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019. p. 183–196.

ANDION, Carolina; ESPÍRITO SANTO, Anderson Luís do. Imigração e cidades: uma cartografia da arena pública de apoio aos imigrantes e refugiados em Florianópolis. *Interações*, Campo Grande, v. 21, n. 4, 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Publicada lei de assistência a venezuelanos e outros imigrantes no Brasil. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/541013-publicada-lei-de-assistencia-a-venezuelanos-e-outros-imigrantes-no-brasil/>. Acesso em: 8 nov. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei 5237/2013 – Legislação citada. Disponível em:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1070314&filename=LegislacaoCitada%20PL%205237/2013. Acesso em: 8 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para implementação do Estatuto dos Refugiados. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/127109/lei-9474-97>. Acesso em: 8 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/fiquePorDentro/temas/nova-lei-de-migracao-jun-2017>. Acesso em: 8 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.684, de 21 de junho de 2018. Dispõe sobre assistência emergencial a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13684&ano=2018>. Acesso em: 8 nov. 2025.

BÜTIKOFER, Erika Andrea. Entre mobilidades e imobilidades: a experiência cubana na era da pandemia e do ativismo digital. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 30, p. e51536, 2025.

CANELLA, Francisco. Trajetórias de vida de migrantes e periferia urbana: reflexões sobre uma ocupação urbana em Florianópolis/SC. *HyS – Revista de Humanidades y Sociales*, Sevilha, v. 6, n. 2, 2022.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 149–164.

FACUNDO, Ângela. Êxodos, refúgios e exílios: Colombianos no Sul e Sufenste do Brasil. Papéis Selvagens, 2017.

FLEISCHER, Soraya. “Destino Ceilândia”: os caminhos da construção de uma pesquisa antropológica sobre pressão alta. In: FLEISCHER, Soraya (org.). *Na cozinha da antropologia*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2023. p. 119–148.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico. In: SCHUCH, Petra; VIEIRA, Miriam S.; PETERS, Rogério (org.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 205–228.

FRESNEDA, Edel J. Cuban Migration as A Transnational Vulnerability Dispersion. *Iberoamericana – Nordic Journal of Latin American and Caribbean Studies*, v. 54, n. 1, 2025.

GEERTZ, Clifford. Descrição densa. In: _____. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13–44.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. São Paulo: Editora 34, 2001.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo". In: GROSSI, Miriam P. et al. (org.). *Trabalho de campo, ética e subjetividade*. Florianópolis: Copiart; Tribo da Ilha, 2018. p. 19–27.

GUBER, Rosana. *El salvaje metropolitano*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

GUSMÃO, Priscilla. Sistema de troca no consumo de moda: um estudo sobre o descarte e a circulação de roupas usadas em Florianópolis. 2023. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Florianópolis, 2023.

ICOM – Instituto Comunitário Grande Florianópolis. *Sinais vitais – Migração internacional*. Florianópolis: ICOM, 2021.

INGOLD, Tim. “Pare, olhe, escute!”. *Ponto Urbe*, n. 3, 2008.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! *Educação*, v. 39, n. 3, p. 404–417, 2016.

INGOLD, Tim. *Making: anthropology, archaeology, art and architecture*. London: Routledge, 2013.

MACHADO MAGALHÃES, Lina Paula. Habitar entre fronteiras: experiências de trabalhadoras paraguaias na construção de lar(es) entre ciudad del este e Foz do Iguaçu. Granada: Universidad de Granada, 2024. [<https://hdl.handle.net/10481/96196>]

MARTINS, Leda Maria. Um corpo-tela, uma poética vaga-lume. In: MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*. Belo Horizonte: Cobogó, 2021. p. 101–125.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OJEDA CASTRO, Javier. Migración Cubana Hacia Brasil con Fines Académicos: Caso Unila. UNILA, 2023.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. *Revista de Antropologia*, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, v. 20, n. 42, 2014.

ROSA, M. da. Eu te vejo! *Vivência – Revista de Antropologia*, v. 1, n. 59, 2022.

SANTOS, Ana Clara Sousa Damásio dos. “Olho de parente” e o “olho estranho”. *Novos Debates*, v. 7, n. 1, 2021.

SANTOS, Débora Cristina dos. Contexto migratório na Grande Florianópolis : estudo do campo a partir da abordagem da liderança comunitária. UDESC, 2021.

SANTOS, Miriam de Oliveira. Cultura e identidade açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 10, n. 2, p. 202–205, 2008.

SILVA, Charles Raimundo da. *Remando no mesmo bote*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFSC, 2013.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, v. 15, n. 32, 2009.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TASSINARI, Antonella. A antropologia das fronteiras. In: PEIRANO, Mariza (org.). *Teorias e etnografias*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo do fim do mundo*. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia. *Ponto Urbe*, n. 11, 2012.